

## Concepções sobre a língua enquanto objecto de ensino/aprendizagem nos alunos dos anos finais das licenciaturas em ensino do Português

JOSÉ ANTÓNIO BRANDÃO CARVALHO

ANGELINA RODRIGUES

(Universidade do Minho)

A presente comunicação decorre de preocupações surgidas enquanto docentes de Didáctica do Português e supervisores do estágio pedagógico da mesma disciplina.

A disciplina que leccionamos, Metodologia do Ensino (Didáctica) do Português, é uma disciplina do quarto ano das licenciaturas em ensino do Português que, pela sua natureza e pelo seu enquadramento nos *curricula* dos cursos, se assume como fundamental na consciencialização dos alunos para o que é ensinar a língua materna. Esta cadeira, de natureza marcadamente interdisciplinar, pode ser encarada como o ponto em que as duas componentes fundamentais do curso, a relativa à sua especialidade e a relativa à análise do processo educativo, se cruzam numa perspectiva de aplicação. A frequência desta disciplina torna-se, assim, no momento por excelência em que o Português, que ao longo do curso se constituiu como objecto do saber nas suas diferentes vertentes, passa a ser perspectivado, também, como objecto de ensino/aprendizagem (Sousa & Castro, 1988, 81).

Por seu lado, o ano de estágio representa para a maioria dos alunos/professores a sua entrada num sistema complexo com todas as implicações que isso acarreta. Nas suas novas funções eles vão ter que considerar não só a sua formação académica, mas também outros elementos que de algum modo vão condicionar a sua actividade. Para além das orientações curriculares oficiais, cujo conhecimento se pressupõe adquirido em cadeiras frequentadas ao longo do curso, outras directrizes, com carácter mais ou menos impositivo, vão ser determinantes da sua prática. Elas são provenientes de diferentes instâncias, nomeadamente do grupo disciplinar da escola através da sua planificação para

o ano lectivo, do orientador ou orientadores de estágio, dos manuais adoptados e de outros de que eventualmente se socorrem, etc. Essas directrizes não são necessariamente coincidentes, implicando, eventualmente, concepções diferentes do que é ensinar Português.

Interessava-nos, assim, conhecer qual a concepção de Português (enquanto objecto de ensino/aprendizagem) predominante em alunos que iniciam a sua frequência da disciplina de Didáctica do Português e em alunos que estão a terminar o seu estágio pedagógico.

Partindo do princípio que os materiais pedagógicos traduzem formas de conceber a realidade a que se reportam, pensamos que a análise de documentos relativos a planos de ensino/aprendizagem de aulas de Português pode constituir um meio de conhecer formas de encarar a língua na aula, qual a sua função e estatuto, que formas de realização são privilegiadas, enfim, que domínios se destacam.

O *corpus* deste trabalho é constituído por trinta e cinco documentos: onze são o resultado de planificações de aulas para o terceiro ciclo do ensino básico realizadas, em grupo, por alunos de Metodologia de Ensino do Português no início da frequência da cadeira; os restantes são planos de aula realizados por professores estagiários, de diferentes cursos, e destinados a diferentes anos do terceiro ciclo de escolaridade.

A opção pelo terceiro ciclo deveu-se ao facto de, a neste nível, a análise das diferentes dimensões da língua nos parecer mais facilmente operacionalizável, tanto mais que ao nível do ensino secundário se privilegia o ensino da literatura. Os documentos elaborados por estagiários dizem respeito ao final do ano lectivo por se entender que, nesse momento, esses professores trabalham de forma mais autónoma, estando por isso menos visíveis possíveis interferências dos respectivos orientadores.

Na análise destes documentos foram consideradas duas vertentes. De um lado, os domínios referidos nos programas pedagógicos em vigor para o referido terceiro ciclo de escolaridade do ensino básico: a *oralidade*, a *leitura*, a *escrita*, o *funcionamento da língua*. Do outro, as duas dimensões que a língua assume na aula de Português: a de objecto de conhecimento e a de veículo de transmissão. Esta dupla dimensão de que a língua se reveste, a de objecto e simultaneamente meio da sua própria transmissão, constitui, na opinião de vários autores (Faria, 1983, 41; Fonseca, 1994, 120; Castro, 1995, 56) uma das características especificadoras da disciplina de Português em relação às outras disciplinas escolares.

Nesta perspectiva, é possível conceber a aula de Português como o espaço onde os elementos integrantes destas duas dimensões estão (ou não) todos presentes e em graus diferenciados. Se fizermos corresponder no plano pedagógico, a língua enquanto objecto aos conteúdos que são apresentados para ensino/aprendizagem e a língua enquanto meio às estratégias que são propostas para a sua operacionalização, incluindo nestas as estratégias de acção verbal organizadas pelo professor, tal poderá significar que a focalização maior ou menor em cada uma delas poderá indiciar se a língua é efectivamente instituída como objecto de ensino ou se é utilizada como código linguístico comum, isto é, como meio.

Procurou-se então, a partir da análise realizada, atingir dois objectivos. Entendendo a língua como objecto de ensino/aprendizagem, procurou-se detectar a configuração dos domínios linguísticos, instituídos como conteúdo das aulas, e identificar graus de predominância. Entendendo a linguagem como instância estruturadora da comunicação pedagógica, visou-se a identificação dos domínios de interacção verbal preponderantes e quais os domínios/conteúdo que cada um deles preferentemente veicula. Pela conjugação dos dados referentes a estes dois aspectos, pensamos ser possível apontar as linhas caracterizadoras das concepções dos alunos acerca do que é ensinar a língua materna.

Analisados os documentos, através do registo da presença ou ausência de cada um dos aspectos acima referidos, podemos encontrar um quadro que, em linhas gerais, define uma concepção de aula. Esse quadro parece não diferir muito em função dos grupos analisados, dado que são evidentes as semelhanças entre os alunos do quarto ano e os estagiários, no que se refere às grandes linhas configuradoras da aula de Português, como pode ser comprovado pela análise comparativa dos gráficos 1 e 2.

Gráfico 1

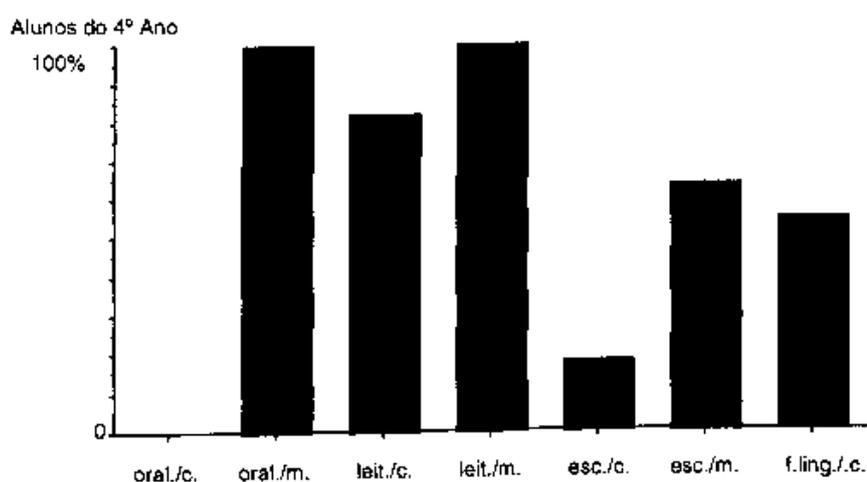
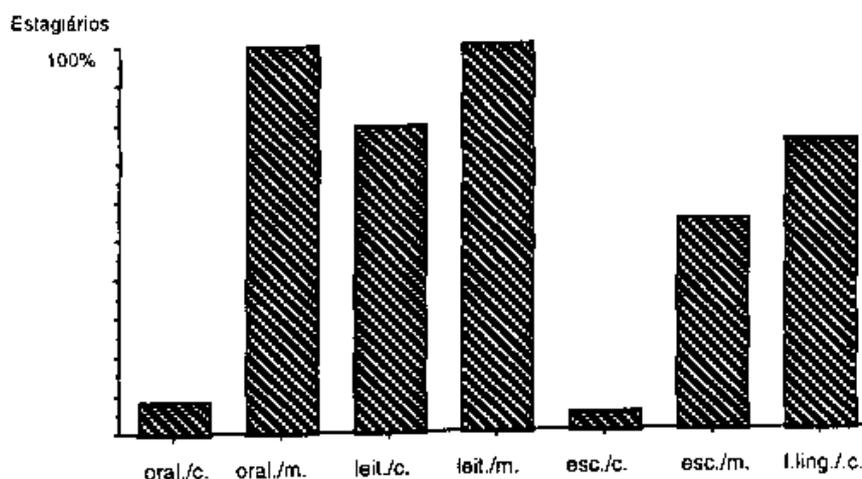


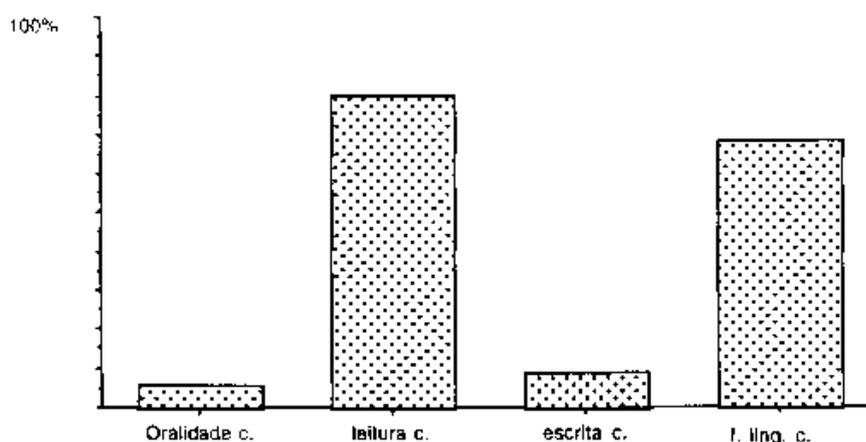
Gráfico 2



Se a este nível a semelhança é evidente, não podemos assumir, no entanto, que não haja diferenças entre os dois grupos noutros aspectos da aula que não podem deixar de ser considerados importantes. Refiramos, a título de exemplo, o modo como as actividades de leitura são perspectivadas, que é diferentes nos dois grupos.

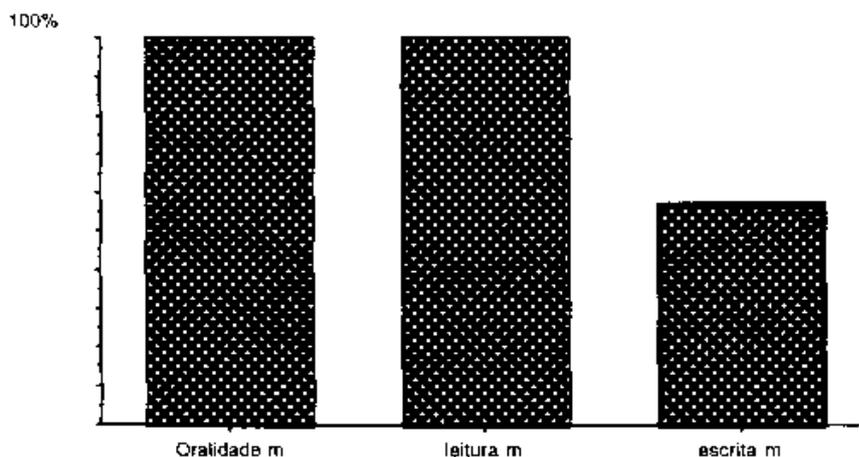
Passemos, então, à análise das grandes linhas configuradoras da aula de língua materna. Considerando a língua enquanto conteúdo, objecto de ensino/aprendizagem, dois domínios imediatamente sobressaem: o da *leitura* e o do *funcionamento da língua*. A configuração de aula de Português mais frequente é aquela que se organiza em torno de actividades de compreensão/interpretação de texto e de ensino da gramática. A *oralidade* e a *escrita* raramente são entendidas como conteúdos da aula, como algo que é passível de ser explicitamente ensinado. O gráfico 3 é claro quanto a isso.

Gráfico 3



Perspectivando a língua enquanto meio de transmissão, constata-se que a aula de Português se constrói, acima de tudo, através da interacção verbal oral e da leitura de textos. (gráfico 4)

Gráfico 4



Terminada a análise de natureza global, é chegado o momento de prestarmos atenção a cada um dos domínios, tendo em conta as duas dimensões consideradas.

### **Oralidade**

Apesar de os programas em vigor considerarem este domínio da língua um conteúdo com peso semelhante aos outros, na prática, parece verificar-se que esta dimensão linguística continua a ser encarada, quase exclusivamente, como meio, privilegiado, para a transmissão de conteúdos, sobretudo os do âmbito da *leitura e do funcionamento da língua*.

### **Leitura**

É, com certeza, o domínio privilegiado na aula de Português, quer enquanto objecto de ensino, quer enquanto meio de transmissão de conteúdos. A maioria das aulas inclui actividades de compreensão/interpretação de textos. Mas se é verdade que a *leitura orientada* se destaca, outras dimensões deste domínio parecem não adquirir grande relevância. É o que acontece com a *leitura recreativa* ou com a *leitura para a informação e estudo* cujo relevo atribuído pelos programas parece não encontrar correspondência a nível da prática.

Com frequência, as actividades de *leitura* são ponto de partida para a análise de questões do âmbito do *funcionamento da língua*. Contudo, o tratamento destes dois domínios não é normalmente feito de modo articulado, na linha do que os programas pedagógicos em vigor propõem. Na maioria dos casos, a abordagem de um aspecto gramatical não se faz a partir da análise do modo como esse aspecto funciona no texto, mas tão somente a partir da mera verificação da sua ocorrência no mesmo.

### **Escrita**

Os documentos analisados parecem também apontar para o facto de a *escrita* raramente ser objecto de ensino /aprendizagem na aula de Português. É, sobretudo, encarada como forma de registo, sistematização e reorganização de aspectos relativos a outros domínios e, mesmo assim, com uma frequência relativamente reduzida.

Quando se solicita a produção de textos, privilegia-se a imitação de modelos previamente lidos e não a reflexão sobre as componentes do processo de construção do texto. Para além das situações de avaliação, escreve-se na aula de Português para realizar actividades relacionadas com a *leitura* (responder a questões de interpretação ou resumir textos), para tomar apontamentos sobre conteúdos diversos, (como por exemplo sobre as características de diferentes tipos de texto), para realizar exercícios referentes ao *funcionamento da língua*.

### **Funcionamento da Língua**

Este domínio constitui, como já referimos, uma das componentes privilegiadas da aula de Português. Uma análise mais detalhada revela uma predominância no tratamento de determinados níveis, concretamente o da palavra e

da frase, raramente se encontrando uma articulação com os diferentes domínios da interacção verbal.

### Conclusão

A configuração de aula de Português mais frequente parece ser, como já salientamos, aquela que se organiza à volta de actividades de compreensão/interpretação de textos (na maioria dos casos literários) e de ensino da gramática, o que parece apontar para uma concepção tradicional de aula de Português, em geral, e de língua enquanto objecto de ensino/aprendizagem, em particular. O peso desta tradição é posto em relevo por Odete Santos (1988, 52/53) no seu livro *O Português na Escola Hoje*. A autora refere a relevância atribuída às *orientações pedagógico-didácticas que repousam sobre uma concepção de aprendizagem da língua materna enquanto aquisição de um saber linguístico/metalinguístico, de um sistema significativo autónomo de contextos, realidade exterior ao aluno, concepção a que as teorias estruturalistas forneceram uma caução de cientificidade*. Por outrolado, alude a uma tradição bem mais antiga, que valoriza o ensino da gramática, a comunicação literária e a dimensão estética e estilística da língua. Rui Castro (1995, 59), por sua vez, refere a interpretação de textos como *uma das práticas associadas ao ensino do Português sincrónica e diacronicamente mais relevantes*. Uma análise das provas de avaliação realizada por Lourdes Sousa e Rui Castro (1989, 189) destaca, por seu lado, o peso que naquelas é atribuído à *reflexão formal sobre a língua e sobre os textos*.

A predominância de concepções tradicionais nos alunos dos anos terminais das licenciaturas em ensino de Português parece-nos merecedora de alguma discussão. Nos alunos do quarto ano, cuja reflexão sobre esta questão é ainda reduzida, a sua concepção de aula parece ser, acima de tudo, construída a partir de um modelo - o das aulas de Português que tiveram enquanto alunos do ensino básico e secundário.

No caso dos estagiários, a questão é, sem dúvida, mais complexa, na medida em que as suas concepções são fruto de um conjunto de factores mais diversificados, a que já fizemos alusão no início deste texto. Parece evidente que, para além da sua formação académica, outros factores contribuem em grande medida para a sua concepção de aula e de língua enquanto objecto de ensino/aprendizagem. Que até nem é a que vigora oficialmente, a que os programas, textos reguladores por excelência, propõem. Neles encontramos uma proposta de distribuição do tempo lectivo pelos vários domínios linguísticos que aponta para uma atribuição de vinte e cinco por cento do tempo a cada um dos domínios, *oralidade, leitura, escrita*, considerados conteúdos nucleares, e de apenas metade desse tempo à análise do *funcionamento da língua*, que deve ser feita em articulação com os domínios atrás referidos (p.62).

Alguma explicação sobre os factores que contribuem para tal concepção de aula e de língua pode, talvez, ser encontrada a partir da análise de outros textos, como os manuais escolares, ou outros documentos como, por exemplo, as planificações anuais produzidas nas escolas, no âmbito dos grupos disciplinares, e a

partir dos quais os professores, e também os professores estagiários, organizam as suas unidades lectivas.

## BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Rui V. (1995). *Para a análise do discurso pedagógico. Constituição e transmissão da gramática escolar*. Braga: U.M. - I.E.P. - C.E.E.P.
- FARIA, Isabel Hub (1983). "Produção e reconhecimento da aula de Português", *Palavras*, 4/5/6, 1983.
- FONSECA, Fernanda Irene (1994). *Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*. Porto: Porto Editora.
- M.E. - D.G.E.B.S. (1991) - *Organização Curricular e Programas - Vol.I, Ensino Básico, 3º Ciclo*, 47-72.
- SANTOS, Odete (1988). *O Português na Escola, Hoje*. Lisboa: Caminho.
- SOUSA, M. Lourdes ; CASTRO, Rui V. (1988). "O Ensino - Aprendizagem do Português - Formação e Investigação", *Revista Portuguesa de Educação*, 1 (2).
- (1989). "Domínios de avaliação e sucesso escolar na disciplina de Português", Sequeira, Castro & Sousa (orgs.) *O ensino-aprendizagem do Português. Teoria e Práticas*. Braga: CEEDC-UM.